

VENCER CEGUEIRAS, PLANTAR SONHOS, GERAR O NOVO: UM ESTUDO A PARTIR DA INICIAÇÃO À VIDA CRISTÃ

WINNING BLINDS, PLANTING DREAMS, GENERATING THE NEW: A STUDY FROM INITIATION TO CHRISTIAN LIFE

Decio José Walker¹

¹Instituto Missioneiro de Teologia (IMT), Santo Ângelo. RS, Brasil.
E-mail: deciowalker@gmail.com

Resumo: O processo de Evangelização na Igreja Católica, e dentro dele a catequese, esteve, e de certa forma ainda estão, focados essencialmente na tradição e na doutrina. Isto resultou em muitos cristãos “sacramentados”, mas poucos discípulos missionários de Jesus Cristo, engajados na missão evangelizadora e na construção do Reino de Deus. Tomando consciência desta realidade, o presente artigo busca discorrer reflexivamente sobre a Iniciação a Vida Cristã, tomando por iluminação bíblica a passagem do Evangelho segundo João, sobre o “Cego de Nascimento (Jo 9,1-38), mostrando, a partir deste, que a Iniciação a Vida Cristã consiste em um processo de adesão gradativa e consciente, num movimento de abertura à experiência de Deus. Para isso, foi realizada uma pesquisa embasada em referenciais bibliográficos da qual resultou esta reflexão.

Palavras-chave: Iniciação a Vida Cristã. Catequese. Jesus.

Abstract: The process of evangelization within the Catholic Church, and within it catechesis, have been, and to a certain extent, still focused essentially on tradition and doctrine, which resulted in many “sacramental” Christians, but few missionary disciples of Jesus Christ, engaged in the evangelizing mission and in the construction of the Kingdom of God. Taking this reality into account in this article, we will seek to reflect on the Initiation of the Christian Life, taking biblically illumined the passage of the Gospel according to John, on the “blind man of birth” (John 9: 1-38), showing from this that the Initiation of the Christian Life consists of a process of gradual and conscious adhesion, in a movement of openness to the experience of God.

Keywords: Initiation to the Christian Life. Catechism. Jesus.

<http://dx.doi.org/10.31512/missioneira.v21i1.3050>

Processo de avaliação: *Double Blind Review*

Submetido em: 05.04.2019

Aceito em: 20.04.2019



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

1 Introdução

O Concílio Vaticano II abriu a porta de uma das mais antigas casas da Igreja de Jesus Cristo, a Casa da Iniciação à Vida Cristã. O mesmo foi desafiado ao a isso ao dar-se conta de que a atual evangelização, e, dentro dela a catequese, focadas essencialmente na tradição e doutrina, gerava muitos cristãos sacramentados, mas poucos discípulos missionários de Jesus Cristo. Tendo em vista, vários documentos conciliares, especialmente o decreto *Ad Gentes*¹ propõe a restauração da experiência da Iniciação à Vida Cristã, itinerário, que de forma muito eficiente, formava os discípulos de Jesus nos primórdios da Igreja. Na Igreja do Brasil, com certa lentidão, aos poucos este resgate está produzindo seus primeiros frutos. A Palavra de Deus, especialmente os Evangelhos se tornaram a inspiração maior para compreender este projeto que exige uma mudança de paradigma e, por isso, terá força de provocar uma renovação profunda em nossas comunidades eclesiais. Neste texto, a partir de uma cena evangélica, construída com muita arte pela comunidade joanina, observamos um desses itinerários de fé que o próprio Jesus acompanhava. Trata-se do capítulo 9 do evangelho de João, que é conhecido popularmente como a “o cego de nascença” (Jo 9,1-38), no qual se encontra o contexto da festa das tendas relatada com ênfase nos dois capítulos anteriores. Cabe dizer que esta festa de origem agrícola, em agradecimento a Deus pelas colheitas realizadas. Ainda, apresenta um enriquecimento com a memória histórica do Êxodo, da libertação. Cenário este, perfeito para uma ação de conteúdo iniciático: Um processo gradativo que através de estágios sucessivos leva a um encontro profundo com Jesus, exigência fundamental para ser discípulo d’Ele.

Tendo em vista estas provocações, este artigo tem por objetivo discutir o caminho que Jesus realizou, passo a passo, para levar o personagem a uma opção por um novo projeto de vida com visão mais ampla e profunda, que na prática conduz ao seguimento e ao discipulado de Jesus. Para isso, discorreremos a reflexão sob um referencial teórico baseado na Bíblia, documentos da Igreja e diversos autores.

2 Abrir-se para um novo paradigma social/teológico

“Jesus ia passando, quando viu um cego de nascença” (Jo 9,1). A presença de Jesus na festa, sempre rodeado de povo para escutá-lo, provocou a ira dos dirigentes judeus que “pegaram pedras para apedrejá-lo” (Jo 8,59). Ele se põe em movimento, significando a urgente necessidade de colocar em marcha um novo êxodo, perspectiva presente em todo o evangelho de João. E imediatamente se põe em ação. Um cego de nascença, também mendigo, é símbolo do mundo de trevas em que o povo foi jogado, vivendo em total dependência, marginalização e impotência. Jesus parte dessa situação concreta para despertar em seus seguidores uma nova visão a respeito desse sistema que torna cegas as pessoas e não permite

1 Decreto conciliar *Ad Gentes*, que anima os membros da Igreja a se abrirem às diversas realidade, culturas e povo, assumindo um a dimensão missionária da Igreja.

enxergar o Projeto de Deus para o ser humano. Os discípulos, que ainda não abriram os olhos por completo, seguiram amarrados a um paradigma, repleto de preconceitos, que rotulava as pessoas como forma de dominação. Os portadores de alguma deficiência eram desprezados, como condenados por Deus pelos seus pecados ou até os pecados de seus pais em caso de cegueira congênita. Como hoje, ainda, muitos pobres se conformam, atribuindo sua situação a algum pecado cometido. Jesus contesta essa visão e a transforma em oportunidade para mostrar Deus em ação. Porque Ele foi enviado para continuar a obra do Criador, ao menos enquanto for dia. Depois vem a noite da traição e da morte para impedir a realização dessas obras (cf. Jo 9,2-4).

“Enquanto estou no mundo sou a luz do mundo. Dito isso cuspiu no chão, fez lama com a saliva e aplicou-a nos olhos do cego” (Jo 9,5-6). Como a luz que guiava o povo na escuridão do deserto, Jesus vai iluminar o deserto da cegueira em que o povo se encontra agora. Ele toma a iniciativa, até porque o cego, nascendo assim, não sabe o que é a luz por isso nem sequer pode desejá-la. Ao mesmo tempo não lhe tira a liberdade, coloca diante dele o projeto de Deus sobre o homem, mas a decisão fica em suas mãos, pois pode ir ou não à piscina para se lavar. O barro usado por Jesus faz alusão à criação do homem em Gênesis (cf. Gn 2,7). Em seu evangelho João apresenta a missão de Jesus em duas perspectivas que se complementam: Ele veio para fazer uma nova criação e provocar um novo êxodo.

Através de sete sinais messiânicos² mostra esse processo em andamento. O nosso texto é o sexto sinal, referência ao sexto dia da criação em que o homem foi criado. Com esse gesto, portanto, Jesus re-cria simbolicamente o homem. Ele faz barro usando terra e sua própria saliva (cuspiu no chão). Para eles a saliva continha a força ou a energia vital da pessoa. Fica clara a intenção de João em mostrar que a criação do novo homem se dá através da composição de “terra-carne” e de “saliva-Espírito de Jesus”. O verbo aplicar (o barro) pode ser traduzido também como ungir. Temos, então, uma relação com o Messias/Ungido. “Jesus como o Ungido por excelência realiza a sua obra messiânica unguindo o homem. Ao ungi-lhe os olhos, convida-o a ser homem acabado, unguido e filho de Deus pela comunicação do Espírito” (MATEUS; BARRETO, 1989, p. 411).

3 Acolher gestos que transformam vidas

“Disse-lhe então: Vai lavar-te na piscina de Siloé (que quer dizer enviado). O cego foi, lavou-se e voltou enxergando “(Jo 9,7). É necessário que o cego aceite a luz e opte livremente por ela. Mover-se até a piscina é dinamismo de adesão como resposta à ação de Jesus. O nome da piscina, Siloé, na sua origem significa: água enviada. O evangelista adapta para transformar Jesus nesta água enviada: O “Enviado” do Pai. Seguindo as instruções de Jesus, o homem se libertou inicialmente da cegueira física. Lavar-se, neste caso, significa a aceitação da água do Enviado e o projeto de vida e de luz que Ele traz da parte do Pai.

2 São sinais que manifestam a missão de Jesus como Messias. Nos outros Evangelhos são conhecidos como “milagres”.

Isso não lhe foi comunicado através de uma doutrina, mas por uma experiência vital. Neste segundo estágio de seu itinerário, o cego se torna um novo homem, livre e plenamente humanizado. Por trás da forma de abordar essa ação, a comunidade joanina tem a intenção de mostrar, que Jesus estava guiando o cego por um processo de iniciação. Pois eles costumavam chamar o batismo de “iluminação”, e os batizados de “iluminados”, gente que agora enxerga. Além da luz temos ainda a “unção” e o “banho na piscina”. A cura física, portanto, é símbolo de uma nova visão mais ampla e profundada de toda vida que o novo homem vai adquirindo.

“Os vizinhos e os que sempre viam o cego pedindo esmola diziam: Não é ele que ficava sentado pedindo esmola?” (Jo 9,8) E gerou-se uma polêmica entre os mais próximos sobre a identidade do homem transformado. A diferença que a ação de Jesus provocou é tão radical que o cego parece, agora, um outro ser humano. Passou, de uma pessoa sem iniciativa (sentado, imóvel), para um ser dinâmico que assume sua autonomia. Tornou-se irreconhecível para as pessoas próximas a ele. Queriam entender como se deu essa mudança tão expressiva. Ele, mais uma vez, relata com todos os detalhes a experiência que viveu. Por enquanto consegue apenas constatar o fato, sem compreender ainda o sentido mais profundo.

“Perguntaram-lhe ainda: Onde ele está? Ele respondeu: Não sei” (Jo 9,12). Estavam acostumados a ver o cego sentado, dependente dos outros e agora se mostra muito independente e ativo. Querem conhecer aquele que provocou essa mudança. Mas o próprio beneficiado não sabe onde ele está. Jesus não faz questão de divulgar seus feitos para impressionar e arrebanhar gente, mas age simplesmente em favor do homem e permite que ele seja livre, sem nada cobrar. A surpresa da novidade e a euforia pela situação de liberdade ainda mantem o novo homem com percepção limitada sobre quem mudou radicalmente sua vida. Por enquanto o percebe como um “homem” qualquer, que desaparece depois do gesto feito com gratuidade. Essa percepção é mais significativa do que possa parecer, pois representa um grande desafio para nossos processos de iniciação atuais.

Na questão metodológica catequética, de maneira geral, acabamos por apresentar Jesus como o Filho de Deus, glorioso e desconectado de sua humanidade. Assim formamos “seguidores” com uma visão parcial sobre quem é Jesus, sem compreender o real sentido do Mistério da Encarnação. Consequência disso é a multidão de cristãos com uma espiritualidade desconectada da realidade humana e histórica, mergulhados em certos pietismos e fechados a qualquer novidade. Dificilmente esses se tornarão discípulos de Jesus, a serviço do Reino de Deus.

4 Abrir os olhos para compreender a realidade

“Então levaram aos fariseus aquele que tinha sido cego. Ora foi num dia de sábado que Jesus tinha feito lodo, abrindo os olhos do cego” (Jo 9,13-14). Os fariseus são do grupo de dirigentes judeus que se sentem no direito de exercer o controle sobre o povo através da

aplicação rígida da lei judaica, a *Toráh*³. Segundo a lei, no sábado não pode ser realizado nenhum tipo de trabalho, como amassar barro e aplicá-lo nos olhos. Em muitas ocasiões Jesus mostra que pouco lhe importa o dia do sábado da forma como era usado, como instrumento para manipular o povo e mantê-lo preso ao velho paradigma que tem a lei por absoluto. Para Ele importa a vida das pessoas, sua plenitude, pelas quais continua trabalhando sem descanso, como o Pai (Jo 5,17; 9,4). Mas para a mentalidade farisaica esta transgressão é muito grave e é critério de julgamento da pessoa que fez tal gesto: Não pode ser de Deus porque não observa a lei do sábado. Mas entre o próprio grupo dos “fiscais do povo” surgem discordâncias, porque na realidade um sinal tão claro não podia ser realizado por um pecador. Como então explicar o fato?

“E tu, o que dizes daquele que te abriu os olhos? Ele respondeu: É um profeta” (Jo 9,17). Em meio ao conflito, o novo homem dá um passo a mais em sua percepção a respeito daquele que o transformou em “iluminado”. Reconhece com firmeza: “É um profeta” (Jo 9,17c) É mais que um simples homem, é um enviado de Deus, assim eram considerados os profetas. Inicia aqui nova etapa de seu itinerário de fé. Inconformados com esta confissão, os fariseus apelam para os seus pais. Estes, porém, não podiam manifestar sequer sua alegria natural pela cura do filho, pois sabiam que apoiar suas novas convicções resultaria em expulsão da sinagoga. Para nós pode parecer pouca coisa ser excluído da comunidade, mas para eles era como perder o direito de cidadania, exclusão total. Portanto, mesmo sentindo-se oprimidos e com medo, é sua única segurança, não poderiam viver fora dela. Por isso usam como subterfúgio o fato do filho ser maior de idade e assim não assumem nenhuma cumplicidade com ele. O medo que um sistema insano impõe é capaz de provocar divisões graves até no interior do núcleo familiar. Se o novo homem quiser seguir com seu protagonismo e enfrentar os desafios de uma transformação mais profunda, terá que dar um salto no escuro e renunciar a tudo que lhe dava segurança até agora.

“Os judeus, outra vez, chamaram o que tinha sido cego e disseram: Dá glória a Deus. Nós sabemos que esse homem é pecador” (Jo 9,24). Não satisfeitos com a atitude dos pais, os “fiscais” voltam à inquisição com o próprio beneficiado. Queriam convencê-lo, a todo custo, para reconhecer em Jesus um transgressor, apesar de ter aberto os seus olhos. Há um nítido esforço para afastar o homem de Jesus, evitando o risco de ele se tornar seu seguidor. Mas quem fez a experiência da liberdade, que essa nova consciência produz, não se deixa deter por mais nada e ninguém. Sua coragem cresceu tanto que já se sente à vontade para “tirar sarro” deles dizendo que o exagerado interesse que estão demonstrando por esse homem pode esconder o desejo de se tornarem seus discípulos, ou seja, aderirem ao projeto dele.

“Os fariseus, então, começaram a insultá-lo, dizendo: Tu sim és discípulo dele. Nós somos discípulos de Moisés” (Jo 9,27). A situação se torna dramática. Esta reação áspera dos fariseus indica que o homem tocou no nervo da “doutrina” deles, desmascarando-os:

3 Conjunto de leis consignadas no Pentateuco bíblico, e atribuídas ao Legislador Moisés.

“Refugiam-se em sua tradição para não aceitar a novidade. Apoiam-se no passado, sobre o qual construíram o seu sistema teológico, que Jesus lança abaixo” (MATEUS; BARRETO, 1989, p. 422).

A comunidade joanina queria mostrar, com esse diálogo, que a opção por Moisés levava à prática da lei sem amor. E Jesus, ao contrário, queria resgatar o amor e fidelidade, ou seja, o espírito original da Aliança do Sinai. Agora os próprios inquisidores reconhecem que estão perdendo terreno, pois o novo homem já assume atitudes e postura de um discípulo de Jesus. Ele ainda não chegou ao estágio mais profundo, mas já encarnou o jeito novo de ser de um convertido ao Projeto de Deus. Impressiona sua firmeza, chega ao ponto de questionar a metodologia catequética dos fariseus, mostrando a contradição em que caíram: Sustentavam que o sinal foi realizado por um pecador, mas sempre ensinaram que Deus não atende pecadores, mas só os que o respeitam e realizam seus desígnios.

“Eles responderam-lhe: Tu nasceste todo em pecado e nos queres dar lição? E o expulsaram” (Jo 9,34). O homem foi longe demais querendo dar lição a quem já sabe tudo, eles não têm mais nada a aprender. Aqui se aplica bem o ditado: “pior cego é aquele que não quer enxergar”, chegam a negar até as evidências. Mas com sua ousadia, o novo homem também assinou sua condenação. Realmente não tinha mais espaço para ele nessa ordem estabelecida e mantida à base de controle e submissão. Ser expulso é consequência de sua nova opção pelo Projeto de Vida percebido no pouco contato com aquele profeta. Não demonstra o medo de seus pais diante da realidade da expulsão da sinagoga e perda da cidadania. Seus olhos novos e seu coração já estão voltados para algo infinitamente maior. Sem dúvida é uma crise dentro do processo de iniciação que está fazendo, mas que o fará crescer ainda mais. Ele está realizando seu processo de conversão, que significa mudança de mentalidade, passagem para um novo paradigma.

5 O novo homem chega à plenitude

“Jesus ficou sabendo que o tinham expulsado. Quando o encontrou perguntou-lhe: Tu crês no Filho do Homem? Ele respondeu: Quem é Senhor, para que eu creia nele?” (Jo 9,35-36). Novamente é Jesus quem toma a iniciativa, como no início desse itinerário. Não abandona aquele que foi marginalizado, mas vai ao seu encontro para ajudá-lo a dar o passo mais decisivo de sua vida. Ao se apresentar como Filho do Homem, Jesus quer revelar sua verdadeira identidade messiânica. Ele é o messias sim, mas encarnado e plenamente humano. “Ele é a realidade humana levada ao seu máximo pela comunicação do Espírito” (MATEOS; BARRETO, 1989, p. 427). Sua missão é resgatar a humanidade toda, sendo Ele o modelo de homem. Mesmo sem captar todo o sentido desse título messiânico, o novo homem se dá conta que tem conexão com a sua experiência de cura da cegueira. Quer compreender melhor: “Quem é? Para que eu creia nele”. Deseja conhecê-lo profundamente e comprometer-se com quem mudou tanto sua vida, apontando horizontes desconhecidos.

“Jesus disse: Tu o estás vendo; é aquele que está falando contigo” (Jo 9,37). Este certamente é o momento mais emocionante de todo o processo de discipulado, a intimidade dos dois chega ao seu auge. Jesus, que até aqui fora percebido como homem e como profeta, agora se revela o Messias. Sendo luz do mundo e enviado do Pai, apresenta ao novo homem a proposta de participar da sua missão. O novo homem agora compreende porque era preciso enxergar: Para ver o Messias, modelo do homem que ele também é chamado a ser como seu discípulo. E a partir da experiência pessoal mais profunda com o Senhor, torna-se sinal dessa luz que transformou a sua vida.

“Ele exclamou: “Eu creio, Senhor! E, ajoelhou-se diante de Jesus” (Jo 9,38). Com essa exclamação e o gesto que segue, o homem novo se joga por completo nessa aventura radical. Para a comunidade joanina, crer é aderir ao projeto de Jesus, tornar-se seu discípulo. É a profissão de fé mais profunda que o novo homem faz. Ajoelhar-se tem o mesmo sentido que o “dar culto ou adorar” (Jo 4,20) no texto da Samaritana, onde Jesus afirma que o culto na Samaria e em Jerusalém serão substituídos pelo culto ao Pai em Espírito e Verdade. E Ele mesmo será o novo santuário onde se manifesta a presença do Pai (cf. Jo 2,19-21). Quando expulso da sinagoga o cego curado ficou excluído também do culto a Deus monopolizado pelas instituições religiosas. Mas encontrou o novo santuário, Jesus, o qual ele reverencia prostrando-se em adoração. Adorar é reconhecer a presença do Enviado do Pai em cada ser humano, praticando o amor que humaniza e eleva a Deus. Ajoelhar-se diante de Jesus também significa atitude de contemplação, de mística que acompanha o discípulo que mergulhou profundamente no Projeto de Vida e Luz. Seus olhos, além de estarem abertos para a realidade que o cerca, agora conseguem enxergar tudo na ótica do próprio Deus vendo muito além das aparências. Este é, sem dúvida, o estágio mais elevado do discipulado que se espera atingir também com os nossos processos iniciáticos de hoje.

O novo homem conclui o seu percurso sem um anúncio ou um testemunho explícito a toda a comunidade. Ou pior, o seu desejo de anunciar e testemunhar é completamente frustrado. Alguém poderia pensar que esse discípulo não se tornou missionário, como no caso da Samaritana. Depende de como compreendemos o ser missionário. Enfrentar o sistema de morte, que produzia uma cegueira generalizada, não pode ser qualificado como ação missionária? Mesmo sem compreender ainda todo o projeto com clareza, sua coragem em questionar as autoridades ajudou, com certeza, criar nova consciência entre seus conterrâneos. Além disso, o encontro final, de profunda contemplação é também experiência, que possui grande força de transformação. Há, portanto, muitos jeitos de ser discípulo missionário.

6 Considerações finais

Entre as tantas luzes que surgem, a partir desse texto, tendo em vista nossos atuais processos de iniciação à vida cristã, desejo destacar apenas duas:

1ª Trata-se de um itinerário de fé mediante um processo gradual. Num primeiro momento o homem cego faz uma experiência de puro amor e gratuidade, recebendo um benefício humano, independente de qualquer profissão de fé: Enxergar. Sente-se tocado pela bondade de um homem que ele mal conhece. Essa transformação que vivencia desencadeia nele uma fé incipiente.

Num segundo momento se dá conta que o autor da ação tem algo a ver com Deus, “é um profeta”. E mais tarde ainda descobre em Jesus, agente dessa ação, uma presença mais que humana: Ele é o homem em que Deus Vive, o Santuário no qual se presta culto ao Pai. Com esse passo o novo homem adquire a visão completa. E o “catequista” Jesus acompanhou esse processo vivencial feito de gestos, de diálogos, enfrentamentos e discernimento, que o levou a convicções sempre mais profundas.

A descoberta pessoal aconteceu através dos diversos estágios de surgimento e crescimento da fé do discípulo, sem nada forçar. A fé adulta, que resultou de todo o percurso feito, não veio por doutrinação, mas é fruto da experiência adquirida gradualmente no processo de conhecer Jesus e seu projeto, o Reino de Deus. Diante disso certamente temos muitos reparos a fazer em nossas metodologias atuais!

2ª O foco na humanidade de Jesus: No texto analisado e nos evangelhos como um todo existe um grande cuidado dos autores de mostrar sempre a encarnação como o fundamento de toda fé em Jesus. Uma preocupação em apresentar alguém que vivencia em sua totalidade a contingência e fragilidade humana, manifestando muito lenta e sutilmente sua divindade, que também deseja partilhar com os demais seres humanos. Ele mesmo expressa bem isso ao se apresentar como “Filho do Homem”.

Nas primeiras comunidades isso era muito natural e perfeitamente compreendido. Mais tarde, mediante certas compreensões teológicas, o foco foi caindo cada vez mais na divindade, ofuscando a dimensão humana de Jesus. Esta é a herança que recebemos e por muito tempo transmitimos de geração em geração. Como fruto disso temos muitos “discípulos” desencarnados, quando não alienados. Há, portanto, uma necessidade urgente de resgatar em nossos processos de iniciação o rosto humano de Jesus, sem descuidar a luz divina que nele resplandece.

É muito bom perceber que vivemos num momento da história denso de desafios que nos impulsionam a fazer novas experiências ou resgatar preciosidades antigas que aprofundam nossa fé, nos fazem viver na esperança e nos mergulham no oceano do amor de Deus.

Referências

ALEIXANDRE, Maria Dolores. El que me há abierto a mí los ojos (Jn 9,30). In: ALEIXANDRE, Maria Dolores. *Círculos en el agua*. Espanha: Sal Terrae, 1995.

BÍBLIA SAGRADA – Tradução da CNBB. Brasília: CNBB, 2008.

CNBB. *Uma Igreja que acredita*. São Paulo: Paulinas, 1999.

CNBB. *Iniciação à Vida Cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. Documentos da CNBB 107. Brasília: CNBB, 2017.

JEREMIAS, Joaquim. *Jerusalém no Templo de Jesus*. São Paulo: Paulinas, 1983.

NINGS, Johan. *Jesus comunica o Pai*. São Paulo: Paulinas, 1989.

LELOUP, Jean-Yves. *O Evangelho de João*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARTINI, Carlos M. *Evangelho Segundo João*. São Paulo: Loyola, 1990.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*. São Paulo: Paulinas, 1989.

PAGOLA, José Antônio. *O Caminho aberto por Jesus: João*. Petrópolis: Vozes, 2012.